

ARTIGO <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i34.5476>**EDUCAÇÃO E SAÚDE: TENSÕES ENTRE A ENFERMAGEM E A EDUCAÇÃO SEXUAL**

EDUCATION AND HEALTH: TENSIONS BETWEEN NURSING AND SEXUAL EDUCATION

EDUCACIÓN Y SALUD: TENSIONES ENTRE LA ENFERMERÍA Y LA EDUCACIÓN SEXUAL

Márcio de Oliveira

Universidade Federal do Amazonas - Brasil

Suelen Soares Barcelo de Miranda

Universidade Estadual de Maringá – Brasil

Eliane Rose Maio

Universidade Estadual de Maringá – Brasil

Resumo: O presente manuscrito tem o objetivo de investigar a atuação da Enfermagem no que se refere a aspectos sobre sexualidade do público adolescente, examinando tabus impostos ao longo dos tempos e compreendendo as perspectivas acerca da Educação em saúde. Concentrou-se em uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, sendo aplicados questionários a dez estudantes de graduação em Enfermagem e vinte do ensino técnico em Enfermagem. Alcança-se importantes diálogos acerca da Educação Sexual, esmiuçando-a e distanciando-a do viés unicamente biológico, além da defesa de uma prática sempre voltada aos Direitos Humanos, a partir da emancipação dos/as alunos/as e busca pelo conhecimento científico, além de ressaltar a qualidade que a formação profissional precisa apresentar para não gerar preconceitos, tabus e inverdades acerca dos aspectos sexuais.

Palavras chave: Adolescentes. Educação Sexual. Profissionais da Saúde.

Abstract: The purpose of this manuscript is to investigate the role of Nursing in relation to sexuality aspects of the adolescent public, examining taboos imposed throughout the ages and understanding the perspectives on Health education. It focused on a qualitative field research, being applied questionnaires to ten undergraduate students in Nursing and twenty of the technical teaching in Nursing. Significant dialogues about sexual education are reached, narrowing it down and distancing it from a purely biological bias, as well as defending a practice always focused on human rights, from the emancipation of the students and search for scientific knowledge, besides emphasizing the quality that the professional formation must present not to generate prejudices, taboos and untruths about the sexual aspects.

Keywords: Health professionals. Sexual Education. Teens.

Resumen: El presente manuscrito tiene el objetivo de investigar la actuación de la Enfermería en lo que se refiere a aspectos sobre sexualidad del público adolescente, examinando tabúes impuestos a lo largo de los tiempos y comprendiendo las perspectivas acerca de la Educación en salud. Se concentró en una investigación de campo, de cuño cualitativo, siendo aplicados cuestionarios a diez estudiantes de graduación en Enfermería y veinte de la enseñanza técnica en Enfermería. Se alcanza importantes diálogos acerca de la Educación Sexual, desmenuzándola y distanciándola del sesgo únicamente biológico, además de la defensa de una práctica siempre orientada a los Derechos Humanos, a partir de la emancipación de los/as alumnos/as y búsqueda del conocimiento científico, además de resaltar la calidad que la formación profesional necesita presentar para no generar prejuicios, tabúes e inverdades acerca de los aspectos sexuales.

Palabras clave: Adolescentes. Educación sexual. Profesionales de la Salud.

Introdução

A presente pesquisa é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em articulação com o CNPq e a Universidade Estadual de Maringá (UEM) entre agosto de 2017 e julho de 2018¹. Nesse trabalho, buscou-se maior compreensão a respeito do ensino de temáticas sexuais destinado aos/às adolescentes, distinguindo as noções de sexualidade e relação sexual. Sabe-se que por vezes, a abordagem dos/as profissionais ao ministrar os conteúdos em questão tende a ocorrer de maneira abrupta, consequentemente assustando os/as alunos/as, com imagens ou palavras.

Almejou-se compreender, por meio da formação profissional de enfermeiros/as e técnicos/as de Enfermagem, como estes/as enxergam a Sexualidade e a expressão da mesma. Os/as profissionais em questão, após sua formação, estão aptos para ministrarem palestras e encontros destinados a sanar dúvidas e promover melhoria na saúde, logo, a formação em saúde e Educação, visa proporcionar a estes/as agentes a desenvoltura e os conhecimentos necessários para lidar com o público adolescente, sanando suas dúvidas e curiosidades de forma tranquila e saudável, não causando malefícios ou futuros traumas sexuais.

Outro aspecto que justifica a presente pesquisa é o fato de que durante o Ensino Médio os/as alunos/as, geralmente, recebem informações sobre sexualidade, com maior foco nas relações sexuais, nos quesitos de reprodução, anatomia humana e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), empregando uma concepção estritamente biológica à Educação Sexual.

¹ O estudo inicial está registrado sob o CAAE número 80432817.0104 e parecer número 2.439.894.

O presente trabalho trata-se de pesquisa de campo de cunho qualitativo, de caráter exploratório e teórico, em que aliou-se a revisão de bibliografias aos questionários aplicados aos/às estudantes do quarto ano de graduação em Enfermagem, de uma universidade pública de Maringá/PR, bem como aos/às alunos/as do curso técnico em Enfermagem de um colégio estadual do mesmo município.

Responderam aos questionários, vinte (dos/as cinquenta) alunos/as do curso técnico em Enfermagem e mais dez alunos/as (dos/as vinte) do curso de Enfermagem. Vale destacar que o material foi entregue a todos/as, ficando a critério de cada um/uma participar ou não. Para adentrar aos espaços dos respectivos cursos, estabeleceu-se diálogo com as coordenadoras dos mesmos.

Para atingir aos objetivos propostos, esse manuscrito está assim dividido: em um primeiro momento serão apresentados os resultados do questionário aplicado aos/às alunos/as do curso técnico em Enfermagem; após serão apresentados os resultados do questionário aplicado aos/às alunos/as do curso de Graduação em Enfermagem; na sequência, será apresentada uma linha de discussão envolvendo tais resultados e a teoria estudada.

Alunos/as do curso técnico em enfermagem: alguns apontamentos

A aplicação dos questionários teve início em um colégio estadual, localizado na cidade de Maringá/PR. O colégio em questão atua com a Educação Básica, contemplando Ensino Fundamental e Médio, bem como a modalidade profissional; como a pesquisa está voltada para a área da Enfermagem, focou-se neste público, não aplicando os questionários aos demais cursos.

A partir do questionário, foi possível destacar alguns aspectos em relação ao que estes/as alunos/as entendem por Sexualidade. Pode-se observar que a comunidade de estudantes do ensino técnico de Enfermagem tiveram dificuldade em conceituar a sexualidade, apontando-a majoritariamente como relações e práticas sexuais, além de atrelar a questão à aspectos orgânicos, como saúde e órgãos reprodutores. Notou-se desinformação preponderante, confundindo as respostas com diferentes conceitos; a citar ainda, identidade de gênero e orientação sexual. Assim, cabe explicitar o conceito de identidade de gênero, que “[...] refere-se ao modo como a pessoa se sente (feminina ou masculina), independentemente do corpo biológico” (BRASIL, 2011a, p. 12-13).

Expõe-se que os/as alunos/as, em grande parte, confundiram sexualidade com orientação sexual e, entre as respostas, constam o respeito aos/às pacientes e ao público LGBT+. A dificuldade apresentada pelos/as participantes em conceituar sexualidade, pode ser compreendida devido ao fato de se tratar de uma construção social que se apresenta amplamente, não se tratando de uma questão simplória, mas de questões humanas complexas. Para Beauvoir (1970) a sexualidade exerce função importante na vida humana, repercutindo em toda sua extensão. Sabendo que a Sexualidade envolve diferentes fatores, defende-se que isto se dá devido ao fato de estar ligada a vida humana, englobando em seu aspecto sociocultural: comportamento, afetos, sentimentos e desejo.

A partir dos expostos pelos/as acadêmicos/as, e relacionando com a produção de autores/as ao longo do trabalho, pode-se afirmar que a Sexualidade não está restrita ao ato sexual, pois, “[...] compreender a sexualidade, como sinônimo de sexo, é um modo reducionista de conceber a sexualidade humana” (MAIA, 2013, p. 87), devendo ser pensada como historicamente construída, caracterizando-se como aspecto sociocultural mutável e dinâmico.

Houve confusão, também, nas respostas dos/as estudantes em relação ao entendimento acerca do que é Educação Sexual; foi notado que parte dos/as alunos/as confundiu Educação Sexual com orientação sexual, o que deixou as respostas ambíguas. Vale ressaltar que de acordo com Brasil (2011b, p. 12) “[...] convencionou-se que orientação sexual significa para onde o desejo de uma pessoa é direcionado, ou seja, com quem ela ou ele tem prazer: por uma pessoa do mesmo sexo, por uma do sexo diferente do seu ou se pelos dois sexos”.

Outra possível interpretação a partir do quesito orientação sexual, refere-se à concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) de Educação Sexual. Os PCN (BRASIL, 1998) defendem que na Educação escolar, regular formal, as discussões em torno da Educação Sexual necessitam ser obrigatórias, para tanto, o material apresenta as temáticas sexuais como Temas Transversais, abrangendo no volume 10 a Orientação Sexual, que adquire então o sentido de instruções sobre o conteúdo.

Um dos/as participantes respondeu que a Educação Sexual refere-se a questões sobre a temática sexual, englobando tudo que se refere a sexo. Para outro/a integrante, Educação Sexual envolve quesitos biológicos e fisiológicos, estando voltada para explicar as mudanças corporais, bem como as doenças sexualmente transmissíveis e a reprodução humana. Pautas como doenças sexualmente transmissíveis e reprodução humana, foram recorrentes. Para uma

pequena parte de participantes, a Educação Sexual prediz a um método de ensino, com abordagens teóricas e metodológicas que abrangem a particularidade em torno do ato sexual.

A concepção de Educação Sexual abordada ao longo desse estudo, refere-se a oferta da mesma em um viés científico, proporcionando dessa maneira, conhecimentos e aprendizagens, visando atender a todos/as em sua totalidade. Em respaldo, considera-se Muñoz (2010) ao apontar que a Educação Sexual está amparada no Direito Internacional dos Direitos Humanos como dignidade humana, se caracterizando um direito inegável.

Outro dado que merece atenção, é o fato de que entre a amostra coletada, apenas seis participantes tiveram contato com palestras disponibilizadas por profissionais diversos, a respeito da Educação Sexual e sexualidade, sendo que, então, a maior parte não teve acesso a palestras e demais encontros acerca das temáticas sexuais, concentrando-se exclusivamente nas aulas ofertadas no Ensino Médio, constituintes da grade curricular e voltadas para o âmbito biológico.

Constata-se nestes números coletados, que parte da amostra sofreu uma espécie de abafamento em relação a Educação Sexual, a qual manteve-se velada e não adentrou ao espaço escolar. Isto posto, a respeito da negação da Educação Sexual escolar formal, Nunes e Silva (2006) apontam que a Educação das temáticas sexuais perpassa historicamente por dificuldades de fixar-se e efetivar-se, o que compreende um processo marcado por avanços e retrocessos em relação as políticas públicas educacionais. Em continuidade aos expostos, pode-se apontar Muñoz (2010), o qual expõe que compete ao Estado garantir o acesso à informação, não limitando ou excluindo conteúdos e temas. E, nessa mesma linha de raciocínio, Oliveira, Peixoto e Maio (2018, p. 38) destacam que é fundamental a perspectiva de formação inicial e continuada de professores/as com vistas a “[...] instrumentalizar o corpo docente com direcionamentos para práticas voltadas aos Direitos Humanos”, de modo que essa Educação Sexual chegue de forma emancipatória e democrática a todos/as os/as alunos/as.

Ao questionar se os/as participantes possuem informações e conhecimentos sobre os/as adolescentes atendidos/as, buscou-se entender a relação estabelecida com os/as pacientes, neste contato que envolve confiança e diálogo, assim, “Atentar para sexualidade dos adolescentes é uma necessidade que pode contribuir para reduzir problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social” (CARNEIRO *et al.*, 2015, p. 105). A respeito de possuir informações acerca dos/as adolescentes atendidos/as nos exercícios de trabalho e de formação dos respondentes, dezesseis participantes assinalaram positivamente.

Para adentrar ao campo da formação acadêmica, questionou-se que matéria (s) específica (s) na grade curricular do curso técnico investigado, é (são) considerada (s) fundamental (ais) para a atuação e prestação de atendimento junto aos/as adolescentes, nas questões referentes à sexualidade e à Educação Sexual. Apenas três participantes apontaram a disciplina de “Saúde da criança e do adolescente”, voltada exclusivamente para atender este público e às particularidades que os permeiam. Outro ponto que chamou atenção foi o apontamento da disciplina de “Ética”, que para o/a sujeito em questão, prediz ao *“conhecimento específico do que você faz”*.

A matriz curricular do curso técnico em questão possui carga horária total correspondente a 1220 horas, envolvendo teoria e prática. Entre as disciplinas citadas na coleta de dados, apresentam-se: “Anatomia e fisiologia aplicada à Enfermagem” no primeiro semestre; “Assistência de Enfermagem à criança e ao adolescente” ao longo do terceiro semestre, com abordagem teórica e a prática de estágio; “Assistência de Enfermagem em saúde coletiva” desenvolvida no segundo semestre, como prática em estágio; “Assistência de Enfermagem à saúde da mulher”, no terceiro semestre, aliando teoria à prática, unindo os estudos a prática de estágio.

Não consta na grade uma disciplina específica sobre ética, embora tenha sido apontada na resolução do questionário, logo, pressupõe-se que se trata de um conteúdo abordado em uma das disciplinas da matriz curricular do curso. Da mesma forma, cabe salientar que a disciplina de Ginecologia e obstetrícia não constam na nova organização curricular do curso.

Os/As participantes foram questionados/as sobre os motivos e as necessidades da atuação da Enfermagem em atividades educativas, referentes à Educação Sexual e sexualidade. Ressalta-se que o/a técnico em Enfermagem possui respaldo em suas atividades, possuindo conhecimentos técnicos importantes, capazes de orientar e informar os/as cidadãos/cidadãs independentemente da idade. Com base em sua capacitação, este/esta está apto/a para dialogar com os/as adolescentes a respeito das particularidades em torno da vida, sejam questões fisiológicas ou referentes a vida sexual. Contudo, sabe-se que a Educação Sexual ofertada aos/as jovens está inserida em uma gama de complexidades, sendo por vezes uma Educação velada e omissa, o que potencializa a ausência de cuidados por parte desse público.

Nesse cenário, em decorrência a omissão de cuidados nas práticas sexuais adolescentes, tem-se a apreensão da área de saúde em relação ao aumento do índice de gestações na menor idade e os possíveis perigos provenientes da falta de cuidados e

informações, como vê-se com a descrição da pesquisa de Hoffmann e Zampieri (2009). As autoras informam que “[...] as internações por gravidez, parto e puerpério correspondem a 37% do total de internações entre mulheres de 10 a 19 anos nos hospitais públicos ou conveniados pelo SUS” (BRASIL, 2005 *apud* HOFFMANN; ZAMPIERI, 2009, p. 57). Com base nestes dados, pode-se entender que o trabalho exercido pelos/as profissionais da área de saúde, os/as conduzem a atuarem tanto com exercícios de prevenção, quanto de prestação de cuidados e informações, necessitando para tanto, que tenham uma formação abrangente.

Dentre os/as vinte participantes, oito descreveram sua concepção acerca do papel do/a técnico de Enfermagem junto aos/as adolescentes. Entre os/as demais, sete deixaram esta questão sem resposta, enquanto cinco responderam que não poderiam descrever. Aqui, recebeu destaque a referência ao que se refere à ética e aos direitos dos/as cidadãos/ãs, para os/as respondentes a oferta de Educação Sexual diz respeito à garantia dos direitos, ressaltando que informação é um produto que deve ser disponibilizado a todos/as, pois, todos/as possuem os mesmos direitos perante a lei. No quesito ética, os apontamentos revelam a preocupação com a manipulação dos corpos no manuseio e prestação de atendimento. Entre as respostas positivas, constam também a necessidade do/a técnico/a para prestar atendimentos de prevenção, de maneira que as disciplinas ofertadas tendem a amparar este trabalho.

Sobre os apontamentos recebidos, o/a técnico/a em união com a equipe de saúde de sua cidade, tem a possibilidade de proporcionar ações educativas, sanando dúvidas e informando quanto aos cuidados necessários para a prática das relações sexuais. Este exercício do/a profissional, pode ser ofertado como medida preventiva antes das relações, quanto um método de cuidados após o contato sexual, podendo auxiliar adolescentes que adquiriram IST. Para além das respostas anteriores, constatou-se, também, o viés biológico e fisiológico; Para um/a participante, as disciplinas já apontadas trabalham com noções do corpo humano, sua anatomia e funcionamento, em continuidade, aponta o estudo acerca dos órgãos sexuais e reprodutores, abordados na aula de anatomia humana.

No que diz respeito a importância da Educação Sexual para os/as técnicos/as em Enfermagem, foram verificadas dezenove respostas positivas, marcadas como “sim”. Em contraponto, o voto restante encontrou-se em branco. Nunes e Silva (2006, p. 17-18) definem a Educação Sexual como um “[...] modo a construir um conjunto de saberes, habilidades e atitudes, referentes à sexualidade humana, voltada para a emancipação e libertação humana em plenitude”. Com base na definição de ambos, defende-se a importância da Educação

Sexual para a formação cidadã, em âmbito individual e coletivo, contribuindo para a prevenção de violências, ofertando igualdade, cidadania e emancipação. Pode-se notar que os/as participantes reconhecem a importância da Educação Sexual, bem como os debates em torno da sexualidade.

No que tange à efetividade das práticas educativas voltadas à Educação Sexual, foram verificadas quinze respostas negativas, predizendo que a Educação Sexual não se manifesta de maneira efetiva. Para além, constaram cinco respostas em branco. Ao trabalhar estas questões contrapondo os dados coletados com o referencial biográfico, percebe-se a presença de um senso histórico e educacional nos/as participantes, levando em conta que a Educação Sexual foi conduzida de maneira contraditória e conflitante ao longo das décadas, sendo permeada por mitos e tabus sexuais, fator presente até os dias atuais, interferindo na prática educacional. Assim, alia-se ainda o fato de que a Educação Sexual costumeiramente é vista como um “[...] campo onde costuma perdurar a incompreensão, a improvisação do senso comum, o repetir de preconceitos e quase sempre o descaso, no tocante aos estudos sobre a sexualidade infantil [...]” (NUNES; SILVA, 2006, p. 2).

Destaca-se que para trabalhar com a Educação Sexual em ambiente escolar, o/a profissional necessita compreender questões estruturais que a permeiam, como por exemplo a sexualidade, desse modo, não restringindo os debates a um único tópico ou vertente, assim como, não perpetuará um viés errôneo ou equivocado. A necessidade de uma Educação Sexual abrangente encontra-se expressa nos PCN (BRASIL, 1998), definindo que para trabalhar o eixo da Educação Sexual, torna-se essencial a exposição de diferentes temáticas da sexualidade. Portanto, defende-se, aqui, o exercício de lecionar em uma perspectiva crítica e emancipadora, de um trabalho docente com embasamento teórico, proporcionando uma Educação Sexual efetiva e de qualidade, capaz de desmistificar tabus e preconceitos.

Questionário para alunos/as da graduação em enfermagem

De início salienta-se que, novamente, a participação ficou a critério de cada um/a. Questionados/as sobre o entendimento por Sexualidade, entre os/as dez participantes da pesquisa predominou-se uma vasta gama de definições acerca da sexualidade, bem como a Educação Sexual, ressaltando tratarem-se de concepções particulares. Quanto a essa diversidade de conceituações coletadas, pode-se apontar o que explicita Furlani (2009, p. 14),

ao escrever que são “[...] inúmeras as mudanças sociais que alteraram os mecanismos de compreensão e vivência da Sexualidade humana”.

Dentre os apontamentos apresentaram-se ideias em torno da orientação sexual, indicando que parte da turma tenha dúvidas e equívocos quanto a esta noção. Os/as discentes possuem predominantemente preocupações com o viés biológico. Assim como os apontamentos dos/as participantes na coleta de dados, há autores/as que estruturam suas pesquisas sobre a sexualidade humana com foco em questões anatômicas e fisiológicas, isto ocorre predominantemente em áreas da saúde, como é possível observar com Beserra, Pinheiro e Barroso (2008, p. 524), ao alegarem que “[...] a questão da sexualidade é sempre um grande desafio no universo do adolescente, vivenciar mudanças em seu corpo e, no caso das meninas, a menarca e a possibilidade de gravidez.”

Também afirmou-se que a sexualidade refere-se a uma característica apenas do sexo biológico, ligada aos genitais. Um outro apontamento constava apenas a palavra “sexo”, o que ficava subjetivo, aberto a interpretações, pois, poderiam estar mencionando relações sexuais ou o conceito de sexo biológico, classificando indivíduos entre “macho” e “fêmea”. Para um/a dos/as participantes, a sexualidade condiz com os desejos sexuais dos/as indivíduos, todavia, não houve maior aprofundamento em sua resposta, o que pode permitir mais de uma interpretação.

Observou-se ainda a defesa da sexualidade como fator oriundo junto com aparecimento da puberdade, acompanhada de autoconhecimento e maturidade sexual. Com esta defesa, desclassifica-se a sexualidade como fator pertencente a vida desde o nascimento, atribuindo a ela um prazo específico, o que contradiz diferentes autores/as, como vê-se com Nunes e Silva (2006, p. 15) ao classificarem a sexualidade humana como “[...] parte do processo do desenvolvimento pessoal e inerente à convivência social e vivências pessoais”. Outra reflexão expôs a Sexualidade apenas como uma “busca do prazer”.

Notou-se, portanto, que os/as acadêmicos/as de Enfermagem possuem dificuldades em conceituar a sexualidade, apontando-a majoritariamente como práticas sexuais e reprodução humana. Destaca-se, em suma, desinformação do público, que confundiu as respostas com diferentes conceitos.

Em resposta ao que entendem por Educação Sexual, novamente houveram conflitos nas respostas dos/as acadêmicos/as, amparado a isto, uma vasta gama de possibilidades foi apontada; parte dos/as alunos/as confundiram Educação Sexual com identidade de gênero e orientação sexual.

Por se tratar de uma questão dissertativa, os/as respondentes apontaram inúmeros fatores, dentre estes, majoritariamente foi exposto que a Educação Sexual está voltada para indicar maneiras de prevenção quanto a IST, amparada a explicações sobre métodos contraceptivos eficazes. Outras perspectivas levantadas predizem a explicações sobre as relações sexuais, englobando hábitos e práticas para o cuidado com o aparelho reprodutor, além de planejamento familiar e gravidezes indesejadas. É válido apontar que ao longo da aplicação dos questionários, uma parcela de acadêmicos/as participantes da pesquisa, mostrou-se veemente preocupada com a gravidez indesejada. Como salientam Carneiro et al (2015), em relação à oferta da Educação Sexual, a instituição escolar demanda garantir por meio das práxis pedagógicas de ensino, a autonomia aos/as alunos/as, não se restringindo a métodos preventivos, anatômicos e fisiológicos.

Para uma pequena parte de participantes, a Educação Sexual desvincula-se do viés unicamente biológico e aproxima-se de uma perspectiva social. Para estes/as trata-se de um método de ensino necessário para a convivência social. De acordo com as respostas, esta modalidade de ensino necessita estar amparada em abordagens teóricas e metodológicas, sendo ofertada por profissionais capacitados/as. Assim, esse viés pode ser associado ao viés emancipatório, entendido “[...] como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora” (NUNES; SILVA, 2006, p. 17).

Na sequência, questionou-se se os/as discentes participaram durante sua adolescência de encontros ou palestras sobre Educação Sexual e Sexualidade adolescente, ofertados por profissionais que não fossem seus/suas professores/as cotidianos/as. Entre a amostra coletada, seis participantes tiveram contato com palestras e encontros com finalidade educativa, sendo disponibilizadas por profissionais diversos, acerca das temáticas sexuais, como Educação Sexual e sexualidade. Entre os/as abordados/as, quatro não tiveram acesso a estes acontecimentos, exceto por aulas ofertadas como constituintes da grade curricular, carregando viés biológico.

Vale ressaltar que ao ter acesso a uma Educação Sexual de qualidade, as dúvidas podem ser sanadas de forma ‘tranquila’, buscando trabalhar a sexualidade sem tabus, em um ambiente de comprometimento e respeito a si e aos/às demais; em contrapartida, ao procurar respostas aleatórias, muda-se o contexto, tornando-o de teor contraditório ou até mesmo obscuro, desta maneira, discutir a sexualidade na Educação “[...] é permitir o

desenvolvimento da sensibilidade nos relacionamentos pessoais, levando em conta todos os aspectos do ser humano”, além de que “[...] abordar a sexualidade é uma tarefa complexa para a escola, uma vez que esta não pode focar uma única concepção, mas deve considerar as dimensões biopsicosocial e espiritual” (JUNIOR, 2011 apud SOARES *et al*, 2015, p. 50).

Para garantir a Educação Sexual em ambiente regular formal, torna-se imprescindível a elaboração de políticas públicas adequadas, que atendam a demanda, validando a atuação de profissionais no espaço de ensino. De acordo com Soares *et al* (2015), a criação do Decreto nº. 6.286, em 5 de dezembro de 2007, Instituído o Programa Saúde na Escola como uma política de saúde e Educação em escolas da rede pública, na Educação Básica, articula a oferta de ambos os serviços (educação e saúde) em um mesmo estabelecimento, ou seja, um único local pode desenvolver estratégias que potencializem o ensino de hábitos saudáveis, desenvolvendo cidadania e qualidade de vida.

Adentrando ao campo de formação acadêmica, os/as participantes foram indagados/as se participaram de encontros acadêmicos que promoveram o contato com adolescentes, voltados para o viés da Sexualidade e da Educação Sexual. Dentre as alternativas positivas, contam-se quatro respostas, marcadas com “sim”. Compatível aos expostos anteriores acerca do contato dos/as enfermeiros/as com o público adolescente, é possível apresentar os diálogos de França e Baptista (2007, p. 205), ao defenderem as aptidões e capacidades do/a enfermeiro/a em seu exercício de trabalho com tais atividades, os estudiosos defendem que o/a enfermeiro/a pode contribuir “[...] para desmistificar os mitos e preconceitos direcionados à sexualidade e para a otimização do conhecimento da população acerca da temática “sexualidade humana” em todas as suas nuances bio-psico-sociológicas”.

Constam duas respostas em branco dentre os dez apontamentos dos/as participantes. Entre as três respostas negativas, assinaladas com “não”, constam duas com a justificativa de não haverem encontros específicos com esta finalidade, enquanto a terceira se justifica com os dizeres não haver maiores contatos com o público adolescente nos estágios, e que, quando ocorrem, são delineados com outro foco.

Dando sequência, os/as participantes foram questionados sobre que(quais) matéria(s) específica(s) na grade curricular do curso de graduação em Enfermagem, é(são) considerada(s) fundamental(ais) para a atuação e prestação de atendimento junto aos/as adolescentes, nas questões referentes a sexualidade e a Educação Sexual. Nas respostas constam inúmeros apontamentos, contendo seis disciplinas ao todo. Em meio às matérias citadas, “Anatomia” foi indicada duas vezes; a disciplina de “Anatomia humana”, compõe a

grade do primeiro ano do curso, sendo amparada entre teoria e prática e refere-se ao estudo morfológico dos órgãos e sistemas que constituem o organismo humano, com ênfase para os aspectos que se relacionam à prática de Enfermagem.

Do mesmo modo que a anterior, a disciplina de “Parasitologia” foi citada duas vezes, pois, de acordo com os/as indivíduos se tem a abordagem das IST neste elemento. Esta compõe a matriz curricular do primeiro ano, possuindo organização teórica e prática, sendo descrita na ementa com a abordagem de protozoários, helmintos e artrópodes de interesse humano, destacando a biologia, epidemiologia e controle de cada espécie com enfoque no risco de populações adstritas a um determinado território

A disciplina intitulada “Saúde da Mulher” aparece três vezes entre os apontamentos; “Assistência de Enfermagem à saúde da mulher” é um requisito para o terceiro ano de curso, abrangendo teoria e prática, correspondendo à assistência de Enfermagem à saúde da mulher, nos serviços de atenção secundária e terciária.

A disciplina “Psicologia do desenvolvimento” somou quatro apontamentos, tratando-se de uma disciplina teórica do primeiro ano, posta na ementa como voltada para os princípios gerais da psicologia do desenvolvimento humano e relações interpessoais no processo saúde/doença, dor, sofrimento e o ato de cuidar.

Apontaram ainda, a disciplina “Saúde da comunidade” em dois momentos. Deve-se explicar que esta é dividida em dois momentos, apresentando-se inicialmente como “Saúde da comunidade I” no primeiro ano, com o foco no processo saúde e doença; e “Saúde da comunidade II “ que desenvolve-se no segundo ano de curso, expondo o cuidado de Enfermagem ao indivíduo nos diferentes ciclos de vida, no contexto da atenção básica de saúde.

Por fim, com três excertos abriga-se a disciplina de “Estágio na unidade básica de saúde”. Tem-se que apontar que a grade curricular do curso organiza os estágios supervisionados em etapas. Estes ocorrem ao longo do quarto ano de curso, sendo definidos como disciplinas práticas, nomeadas como “Estágio Curricular Supervisionado I”, “Estágio Curricular Supervisionado II”, “Estágio Curricular Supervisionado III” e “Estágio Curricular Supervisionado IV”, desenvolvendo-se com práticas nas Unidades Básicas de Saúde.

As práticas de Educação e saúde analisadas ao longo desta pesquisa, podem ser encontradas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, apresentando na ementa a sistematização, execução e gerenciamento do cuidado de Enfermagem na atenção hospitalar, tendo como objetivos ações de Educação em saúde para propiciar saberes.

Os/As participantes também foram questionados/as se poderiam explicar os motivos e as necessidades da atuação da Enfermagem em atividades educativas, referentes a Educação Sexual e a sexualidade, junto aos/as adolescentes. Dentre os/as dez participantes, três deles/as deixaram esta questão sem resposta.

Acerca da parasitologia expôs-se que por meio desta se tem a abordagem das IST, ao passo que, em saúde da mulher, se tem toda uma gama de complexidade envolvendo aspectos da sexualidade da mulher, ou seja, prediz a particularidades do público feminino, como os órgãos reprodutores, por exemplo. Para maior compreensão em torno das disciplinas, é importante ter em mente que “[...] ressalvadas as exceções, os componentes curriculares específicos da Graduação em Enfermagem tratam a sexualidade como algo velado, da ordem do privado” (FRANÇA; BAPTISTA, 2007, p. 203).

Sobre a disciplina de “Psicologia do Desenvolvimento”, alegou-se que por meio desta se tem compreensão com Freud da sexualidade desde a infância, entendendo como se dão as fases do desenvolvimento humano. De maneira unânime, foi justificado que as matérias apontadas possuem maior proximidade com o assunto em questão.

Entre os apontamentos, tem-se também explicações quanto ao papel desempenhado pelo/a enfermeiro/a, o/a qual em seu exercício de trabalho lida com cuidados preventivos e paliativos no tratamento de doenças, estando apto para exercer atitudes educativas, tanto em relação a saúde, quanto ao planejamento familiar e as relações sexuais. Para estes/as discentes, o/a enfermeiro/a possui liberdade para atuar junto ao público, sendo o/a profissional que tem maior contato com a população, sobretudo com aqueles que têm alguma IST.

Partindo destes critérios citados pelos/as respondentes dos questionários, pode-se refletir que a formação acadêmica preocupa-se com questões que tangem saúde sexual e saúde reprodutiva, o que culmina na evidência de um viés biológico na elaboração da Educação Sexual. Neste ponto, cabe situar que saúde sexual é a a integração dos aspectos “[...] somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual, de maneira a enriquecer positivamente e a melhorar a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor” além de não ser “[...] meramente orientação e cuidados relacionados à procriação e doenças sexualmente transmissíveis” (BRASIL, 2011c, p. 15).

Outro questionamento procurou descobrir se o/a futuro/a enfermeiro/a caracteriza as práticas de saúde e Educação voltadas para a Educação Sexual, importantes. No que diz respeito a importância da Educação Sexual, foram verificadas nove respostas positivas, ao

passo que o apontamento restante encontrou-se em branco, ou seja, entre as dez respostas constam majoritariamente a mesma percepção.

Sabendo que a Educação Sexual define-se como prática importante para a maioria dos/as discentes que participaram da coleta de dados, salienta-se que sua importância se dá com base nos benefícios a longo prazo proporcionados aos/as alunos/as, como um “[...] modo a construir um conjunto de saberes, habilidades e atitudes, referentes à sexualidade humana, voltada para a emancipação e libertação humana em plenitude” (NUNES; SILVA, 2006, p. 17-18). Neste sentido, por meio da práxis educativa em Educação Sexual, busca-se fomentar reflexões e gerar benefícios aos/às envolvidos/as, abrangendo contextos sociais e culturais.

Por fim, buscou-se saber se o/a futuro/a enfermeiro/a caracteriza as práticas de saúde e Educação voltadas para a Educação Sexual, realmente efetivas. Para três participantes, a Educação Sexual ofertada não tem se mostrado efetiva.

Em relação às abordagens metodológicas presentes no curso, pode-se respaldar os apontamentos em questão com as falas de Ressel e Gualda (2002), ao afirmarem que a sexualidade ainda é tratada como tabu. A partir disto, acrescenta-se que o ensino tende a centrar-se nas questões biológicas, o que invalida variantes em relação a sexualidade, não contemplando as temáticas sexuais com efetividade. Mesmo com essa perspectiva do tabu, os demais dados coletados somam como sete integrantes respondentes, os/as quais assinalaram positivamente, alegando haver efetividade no ensino das temáticas sexuais nas diferentes instituições de ensino.

Entrelaçando os questionamentos e a teoria

Almeida e Bruns (2010) evidenciam a importância do diálogo familiar, prevendo que dentro deste núcleo se vê necessário a confiança mútua entre os/as agentes que integram essa célula, pois, o diálogo ampara-se na confiança e no respeito. O que ocorre muitas vezes, conforme o autor e a autora é a existência do medo, da vergonha e da desconfiança, sentimentos que impossibilitam o livre diálogo entre os/as integrantes (ALMEIDA; BRUNS, 2010).

O espaço familiar, composto por diferentes agentes, em diferentes configurações, é o ambiente propício a conversas abertas e livres de encargos pejorativos, quando amparado no diálogo e na confiança. Proporcionar este espaço, garante a confiabilidade e a segurança que o/a adolescente necessita, gerando estímulos positivos para sua autoestima e personalidade. Por se tratar de indivíduos que possuem laços afetivos e possivelmente de confiança, o debate

a respeito das relações sexuais, da expressão da sexualidade e das transformações corporais, tende a ser efetivado de maneira leve e benéfica.

Deveríamos, como pais, contribuir para que cada filho desenvolvesse a capacidade de eleger um projeto de vida, cuja premissa básica fosse uma realização, como pessoa, em todas as suas dimensões. Assim, aboliríamos os preconceitos, as discriminações, os estigmas que tanto dificultam o nosso aprendizado e nossa convivência fraterna com aqueles que não atendem nossas idealizações (ALMEIDA; BRUNS, 2010, p. 45).

Independentemente da configuração familiar, o bom relacionamento entre os/as membros/as, pautado no respeito, afeto e compreensão, representa um estímulo positivo, sendo um forte componente para desmistificar tabus, mitos e preconceitos. Nesse sentido, Almeida e Bruns (2010) definem que ao expressar a sexualidade, o indivíduo expressa as possibilidades de quem é, também do que deseja, podendo inclusive ser o que desejar.

Conforme explicam Almeida e Bruns (2010), a sexualidade é vivida por todos os seres humanos, do nascimento até a morte, independente da cultura, classe social ou religião, não sendo inexistente nos/as mesmos/as devido as suas crenças ou demais fatores resultantes ao pertencimento de grupos sociais. Embora a sexualidade seja pertencente a todos/as, as comunidades a que cada um/uma pertence lidam com ela de diferentes maneiras, como por exemplo respeitando a necessidade de se proporcionar diálogos a respeito, ou por outro lado, excluindo todo assunto ou manifestação relacionada a ela.

Para além, a escassez do diálogo no núcleo familiar, bem como na escola, tende a conduzir os/as adolescentes para novas formas de adquirir respostas e sanar suas curiosidades, pois, de acordo com Almeida e Bruns (2010, p. 35), sabe-se que “[...] O diálogo acerca do erótico, do desejo, da satisfação sexual, das fantasias sexuais e da pornografia é sempre deixado para “um momento mais oportuno”, ou seja, para um intencional “depois” no dia a dia”. Ao serem repreendidos/as ou reprimidos/as quanto as dúvidas, os/as jovens buscam outros meios de descobrirem o que desejam, nesse contexto, surge a comumente visitação aos sítios pornográficos da *internet*, bem como revistas e outros materiais que atuam como manuais.

Tendo em vista tais dados, é possível discutir a necessidade de se trabalhar efetivamente em torno da temática sexualidade, visto isso, salienta-se a importância do viés da Educação Sexual como enfoque, trazendo então, informações importantes e sobretudo verdadeiras, atendendo aos/às adolescentes e sanando suas dúvidas e curiosidades. Torna-se

importante destacar então, que a Educação Sexual traz contribuições para a Educação brasileira.

Furlani (2009, p. 14) examina o teor histórico que permeia a sexualidade, a qual é parte inerente do indivíduo, em uma relação de articulação, em que ao mesmo tempo que molda, é moldada pelo cenário social, remetendo a um amplo aspecto sociocultural, que não a vincula unicamente ao ato sexual, de maneira que a autora aponta que “[...] a sexualidade pode ser vista como constituída e constituinte das relações sociais”, não sendo restrita ou reduzida a um único fator.

O trabalho do/a educador/a em torno das temáticas sexuais, requer conhecer as particularidades que sustentam diferentes discursos, para assim, estar apto/a para distinguir questões e orientar alunos/as adolescentes. Nesse ponto, pode-se afirmar que o/a professor/a ao possuir os conhecimentos necessários, está propenso/a à pontuar quais são os mitos, como surgiram e porque são fictícios, conduzindo os/as estudantes a maneiras conscientes de se relacionarem.

[...] a necessidade de perceber os mitos e tabus (principalmente os sexuais), como construções/invenções humanas, frutos do desenvolvimento e da interação sociocultural, torna-se fundamental ao trabalho de educadoras e educadores sexuais. (FURLANI, 2009, p. 15).

A partir destes expostos, considera-se que a Educação Sexual amparada em questões teóricas, livre de achismos e de encargos pejorativos ou repressores, ofertada por profissionais capacitados/as, tende a contribuir para a construção individual e coletiva, impulsionando vivências positivas quanto a sexualidade e as relações sexuais. A Educação Sexual em questão, diz respeito a uma prática educacional ampla, que envolve a complexidade humana, abarcando aspectos sociais, afetivos e cognitivos.

Vale destacar, ainda, que é possível identificar ao desenvolver trabalhos a respeito da sexualidade e da Educação Sexual, sobretudo direcionados ao público adolescente, que o desconforto ou o despreparo de pais, mães e responsáveis frente as questões é algo recorrente. Diante disso, vários/as autores/as elaboraram materiais ricos, permeados de informações, os quais podem ser consultados por responsáveis, professores/as e inúmeros/as outros/as indivíduos e profissionais, como é reconhecido com Matthews (1992), em seu livro formulado para crianças acima de dez anos e adolescentes.

Ao longo da pesquisa observou-se diferentes definições acerca da adolescência, sendo comumente definida como um período na vida humana, marcada por diferentes mudanças “A

adolescência é um tempo de mudança, tanto mentalmente quanto psicologicamente.” (MATTHEWS, 1992, p. 03). As mudanças apresentadas nesta etapa da vida perpassam por várias áreas, não ficando limitadas aos aspectos corporais, como pode-se observar com Matthews (1992). A adolescência é marcada ainda por um período denominado puberdade, responsável por mudanças corporais nos/as adolescentes, tanto internas quanto externas.

Outro ponto que apresenta Matthews (1992, p. 22), também envolto por tabus e mitos ao longo dos tempos, refere-se a masturbação, pois, segundo ela “[...] no passado, a masturbação era considerada obscena e ruim. Estórias eram contadas de pessoas que se masturbavam e que eram punidas ficando cegas ou crescendo-lhes cabelos nas palmas das mãos”. A crença de que a masturbação é imoral ou indevida, alcança até os dias atuais, buscando impedir as pessoas de manusearem seu próprio corpo e de conhecerem pontos que lhes dão prazer.

Com o tempo a masturbação tem deixado de ser vista como ação promíscua, sendo conhecida então como forma de ter prazer, bem como de proporcioná-lo. Esta prática é debatida entre os/as adolescentes, como visto com Matthews (1992), por tratar-se de um meio utilizado pelos/as jovens para se estimularem nessa fase de descobertas e novos estímulos.

Visando listar as atividades realizadas em saúde e Educação pelo/a enfermeiro/a, bem como técnico/a de Enfermagem, previstas dentro das competências destes/as profissionais para com a Educação Sexual de adolescentes, ampara-se nos diálogos de Hoffmann e Zampieri (2009), as quais exibem as concepções e as particularidades que permeiam este trabalho, embora pautadas na perspectiva educacional, evidenciam um viés preponderante biológico.

Os temas acerca da sexualidade na adolescência trabalhados pelo/a enfermeiro/a, envolvem tabus, gravidez, métodos contraceptivos, mudanças corporais, menstruação e higiene pessoal, não limitando o encontro restritamente à biologia, embora o foco seja a busca por melhores condições e práticas de saúde.

Em relação à saúde reprodutiva, chamam a atenção alguns fatores que reforçam a necessidade de estudos mais aprofundados e práticas envolvendo os adolescentes, entre eles: a iniciação sexual precoce; os tabus relativos à sexualidade; o desconhecimento e a desinformação sobre o corpo referente à anatomia e à fisiologia dos órgãos reprodutores; a desigualdade de gêneros no que se refere à sexualidade; a desvinculação da prática sexual da possibilidade de gravidez; a alta incidência de doenças sexualmente transmissíveis; o desconhecimento dos métodos contraceptivos; e os altos índices de morbidade e mortalidade decorrentes das complicações com o

parto puerpério e abortos nessa faixa etária (HOFFMANN; ZAMPIERI, 2009, p. 58).

Ainda a respeito da adolescência, as autoras apontam também a definição da mesma de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), explanando novamente a tendência ao que tange à área da saúde.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (1989), a adolescência pode ser definida cronologicamente pela faixa etária dos 10 aos 19 anos e 11 meses. Trata-se de um período de grande complexidade que faz parte do desenvolvimento do ser humano e constitui-se de intensas transformações psíquicas, sociais e físicas (HOFFMANN; ZAMPIERI, 2009, p. 59).

Para Hoffmann e Zampieri (2009), a adolescência refere-se a uma complexa fase, logo, a atuação da Enfermagem torna-se necessária para este público, para sanar dúvidas e situá-los/as em meio às peculiaridades que surgirão.

Compreendendo que a adolescência abrange especificidades que requerem atenção e compreensão, este período torna-se adequado para o contato com os/as profissionais, ou seja, as intervenções educativas, possibilitando a vivência da sexualidade adolescente de maneira plena. Segundo Hoffmann e Zampieri (2009), o atendimento promovido por enfermeiros/as, garante ao público jovem, acesso aos serviços ofertados pelos órgãos de saúde em sua forma integral.

A ausência de conhecimentos por parte dos/as adolescentes sobre a sexualidade e as relações sexuais, tende a culminar na escassez de cuidados dos/as mesmos/as ao se relacionarem sexualmente, revelando a necessidade de práticas informativas provenientes de profissionais adequados/as.

A partir dos expostos, salienta-se que explicações e aulas, destinadas ao público adolescente, costumeiramente concentram-se em questões relativas à anatomia humana e às IST. O acesso a informação adequada e verdadeira, livre de tabus ou omissões, possibilita aos/as jovens conhecimento de si, de seus corpos, dos métodos contraceptivos e preventivos, auxiliando “[...] na vivência da sexualidade plena e responsável, as quais incluem a educação como um dos principais eixos” (HOFFMANN; ZAMPIERI, 2009, p. 61). A experimentação da sexualidade dos/as adolescentes, quando amparada e desmistificada, possibilita vivências responsáveis, bem como relações sexuais saudáveis, em que os/as envolvidos/as estão cientes das especificidades envolvidas.

A escola como locus do saber responsabiliza-se pela efetivação do ensino e da aprendizagem, necessitando para tal feito, empregar estratégias educativas que potencializem

os objetivos e promovam cidadania e respeito. Para a transmissão de conhecimentos acerca das temáticas sexuais, o ambiente escolar carece de profissionais e recursos qualificados, potencializando a abordagem.

A escola vem assumindo, gradualmente, um papel importante no processo educacional dos jovens da sociedade contemporânea. Uma vez que a educação assume um sentido mais amplo, elucidando o comprometimento não somente com a instrução, mas também com a cidadania e a formação plena como pessoa que tem corpo, desejos e necessidades. Nessa perspectiva, a escola, como centro da educação formal, poderá ser uma instituição que contribuirá na valorização da sexualidade de maneira a não fortalecer os tabus e preconceitos que envolvem as relações na sociedade. (FIGUEIRÓ, 2007, *apud* SOARES, et al., 2015, p. 49).

Torna-se necessário elucidar que para as autoras, a Educação Sexual engloba inúmeros aspectos, não ficando restrita ao viés biológico e unicamente ao ato sexual propriamente dito, evidenciando assim, o fator social da sexualidade, acompanhada da singularidade de cada indivíduo, como crenças, valores e vivências.

Ainda é fundamental discutir que com a difusão de pesquisas e produções científicas desenvolvidas ao longo dos anos, evidenciou-se a necessidade de ofertar conhecimentos a respeito da sexualidade humana. Com a interpretação possibilitada por Gir, Nogueira e Pelá (2000), sublinha-se que o/a pesquisador/a ao estabelecer contato com o público para a captação das amostras, percebe falas contraditórias, conflituosas e receosas do meio social, decorrentes da escassez de fundamentação teórica para ampará-los/las. Estas atitudes correspondem ao abafamento da sexualidade e dos discursos em torno da mesma, culminando na propagação de falas coercivas, bem como preconceitos, mitos e tabus.

Mesmo com o avanço científico e tecnológico das últimas décadas, nota-se que a evolução não se processa de maneira homogênea sendo sexualidade um tema impregnado de mitos, preconceitos e desconhecimentos para muitas pessoas. (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000, p. 33).

A falta de conhecimentos teóricos e embasamentos em seus discursos, foi constatada também nas falas dos/as discentes de Enfermagem, de acordo com Gir, Nogueira e Pelá (2000). As autoras alegam que por meio da pesquisa realizada, foi possível verificar diferentes posicionamentos dos/as envolvidos/as. Dessa maneira, a partir de suas posições, considera-se que aqueles/as que reagiram de maneira negativa às questões, não possuem preparo em relação a temática “Se observarmos todas as respostas negativas, verificaremos que elas remetem à questão de despreparo não só cognitiva, como de treino específico para lidar com a

situação [...]” (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000, p. 37). Assim como explanam as autoras a respeito de seu trabalho, é observável que o mesmo fato desenvolve-se em nossa pesquisa, tanto na graduação de Enfermagem, quanto no ensino técnico.

A conjuntura e organização social de uma época pode direcionar decisões e comportamentos humanos, repercutindo de diferentes maneiras de acordo com o contexto histórico e social vigente. Assim sendo, evidencia-se que inúmeras barreiras postas diante da manipulação da sexualidade, foram fixadas em consequência da falta de conhecimentos e informações a respeito.

Sexualidade é um tema ainda muito reprimido pela nossa sociedade e a repressão na educação sexual, desde a infância, acarreta sucessivos nós que vão se emaranhando e provocando esmagamento do nosso desenvolvimento e comportamento sexual. [...] (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000, p. 34).

Dessa maneira, é observável o empenho para desmistificar discursos e falácias que foram galgadas ao longo dos tempos, com relação as questões sexuais. Quanto a isto, a área da Enfermagem tem procurado desmistificar tabus sexuais, bem como mitos e credices populares, destinando informações e conhecimentos. Como é possível observar com Gir, Nogueira e Pelá (2000), “A enfermagem insere-se dentro deste contexto sócio-cultural e, portando, dele não difere quanto às crenças, mitos e tabus” (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000, p. 34).

A pesquisa de Gir, Nogueira e Pelá (2000), apresenta que os cuidados assistenciais de enfermeiros/as respeitam a individualidade dos/as pacientes, de maneira que, a concepção de sexualidade frente a estes/as indivíduos, é destinada a indivíduos vistos como “ser sexual” (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000, p. 34, grifos das autoras). Para que este/a profissional possa estar devidamente apto para desenvolver tais funções, mantendo uma postura ética, humana junto aos/às pacientes, o/a mesmo/a carece de formação adequada, que o/a amare e informe quanto a diferentes conceitos.

Ao formar enfermeiros/as para compreenderem a importância e a complexidade da sexualidade, em uma Educação abrangente e com ricos embasamentos teóricos, capacita-se profissionais que estarão desenvolvendo trabalhos junto à comunidade, prestando atendimento de qualidade.

Estes/as profissionais além de atentarem para questões biológicas, fisiológicas, de saúde e de enfermidades, possuem conhecimentos múltiplos a respeito, sendo capazes de

sanarem dúvidas e prestarem atendimentos de forma humanizada, possibilitados em diferentes ambientes.

Considerações finais

Em prol de elaborar reflexões sobre as propostas de estudo acerca da Educação Sexual e sexualidade, ampliando as concepções que permeiam a temática, decidiu-se investigar a atuação da Enfermagem nestes respectivos assuntos, direcionados ao público adolescente. Dessa maneira, com base no transcorrer da presente pesquisa, faz-se novas ponderações a respeito da Educação Sexual, bem como da atuação do/a enfermeiro/a nesta área, percebendo novas perspectivas, antes não observadas.

Geralmente, os conteúdos abordados por professores/as no Ensino Médio, situam-se em torno dos viéses biológico, fisiológico e patológico, concentrando-se em torno de questões sobre os órgãos reprodutores, mudanças corporais, gestações, abortos e doenças “venéreas”, desvinculando as explicações da sexualidade e de seus aspectos socioculturais. Ressalta-se que o mesmo muitas vezes ocorre com as palestras ofertadas por profissionais da área da saúde, os/as quais são prescricidas por enfermeiros/as e técnicos/as em Enfermagem.

Com a coleta de dados e as análises realizadas ao longo do trabalho, constatou-se algumas particularidades quanto a estes encontros. Observou-se que atualmente, os/as acadêmicos/as de graduação em Enfermagem mantém contato com o público adolescente exclusivamente em estágios, os quais tem como objetivo proporcionar ao/a discente aliar teoria e prática, conseqüentemente gerando maior aprofundamento e domínio. Quanto ao ensino técnico em Enfermagem, viu-se que esta modalidade de ensino mantém até o momento além de estágios que efetivem o encontro com adolescente, o contato mediante a palestras e encontros com função educativa. Estes acontecimentos ocorrem mediante o convite das instituições, proporcionando aos/as alunos/as do curso técnico mecanismos para obtenção de notas.

Dentre o campo de atuação do/a enfermeiro/a e do/a técnico/a em Enfermagem constam inúmeras aptidões e capacidades, que entre as mais conhecidas constam os cuidados paliativos e preventivos, todavia, informa-se que nesta área de trabalho o/a profissional tem a possibilidade de atuar em diferentes cenários, realizando diferentes funções.

Prezando a importância da sexualidade para a construção individual e coletiva, apontou-se ao longo do trabalho a visão de sexualidade como uma parte integral da vida

humana, presente em todos/as os/as indivíduos sexuados. Salienta-se que se trata de uma característica envolta em diferentes âmbitos da vida, não se limitando ao ato sexual, além de não limitar o ato em si unicamente como penetração. Trata-se de uma questão sociocultural envolvendo as influências conjecturais da cultura e da sociedade, aliada a afetos, amores, paixões, sentimentos, desejos e inclusive o sexo. Ao se falar de sexualidade, cabe explicar que se trata de um temática envolta por tabus e mitos sexuais, construídos ao longo dos tempos, atribuindo posturas pejorativas, preconceituosas, receosas e eróticas aos diálogos.

Perante a isto, atribui-se aos/as profissionais competentes o papel de desmistificarem tais referências errôneas, possibilitando a invalidação destas falácias errôneas, além de constatar a quebra dos olhares biológicos, fisiológicos e patológicos. Em decorrência, sabe-se que as particularidades a respeito da sexualidade compõem uma ampla temática, havendo ainda muito a aprender.

Com relação ao estudo da Educação Sexual, destaca-se que esta vertente engloba questões acerca da sexualidade, não se limitando a explicar unicamente as mudanças corpóreas e orgânicas, mas sim, atribuindo aos debates as questões sociais. A Educação Sexual não se limita unicamente a questões biológicas, fisiológicas e patológicas, de maneira que, em seu viés emancipatório busca proporcionar de forma efetiva o respeito e a igualdade, os quais são possíveis apenas por meio da informação. Destaca-se que, como prática educativa a Educação Sexual apresenta informações verídicas, livres de encargos pejorativos, preconceitos e juízos de valor, todavia, considera-se que no terreno educacional brasileiro, a mesma tem sofrido constantes avanços e retrocessos, conseqüentemente, devido aos movimentos retróados vê-se por vezes a impossibilidade do trabalho na área.

Com isto, para finalizar salientamos que por meio da pesquisa em questão, abriram-se novos horizontes e interesses, ampliando a concepção de pesquisa, bem como a concepção das temáticas aqui apresentadas. Foi possível compreender de fato as particularidades que envolvem tais questões, sobretudo a partir do confronto entre as diferentes vertentes, bem como aos/as autores/as.

Vale destacar que o presente manuscrito não buscou esgotar as possibilidades de análises, mas estabelecer diálogos necessários para se pensar acerca da relação entre a saúde e a Educação, sobretudo no que diz respeito à Educação Sexual no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sérgio; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. 2. ed. Campinas/SP: ÁTOMO, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BESERRA, Eveline Pinheiro; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Rev Enferm**. v. 12, n. 3, p. 522-528, 2008.

BRASIL. **Adolescências, juventude e participação**. Brasília: Ministério da Saúde/Ministério da Educação, 2011a. Disponível em:
<<https://www.sintepe.org.br/site/v1/index.php/campanhas/prevencao-nas-escolas/84-prevencao-nas-escolas/4406-fasciculos-adolescentes-e-jovens-para-a-educacao-entre-pares>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

BRASIL. **Sexualidades e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde/Ministério da Educação, 2011b. Disponível em:
<<https://www.sintepe.org.br/site/v1/index.php/campanhas/prevencao-nas-escolas/84-prevencao-nas-escolas/4406-fasciculos-adolescentes-e-jovens-para-a-educacao-entre-pares>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Orientações técnicas centro de referência especializado de assistência social: CREAS**. 1. ed. Brasília: Gráfica e editora Brasil LTDA, 2011c, 72 p.

CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE**, Sobral, v.14, n. 01, p.104-108, 2015.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FRANÇA, Inacia Sátiro Xavier de; BAPTISTA, Rosilene Santos. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 60, n. 2, p. 202-206, 2007.

GIR, Elucir; NOGUEIRA, Maria Suely; PELÁ, Nilza Tereza Rotter. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Revista Latino-Americana da Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, 2000.

HOFFMANN, Ana Cristina Oliveira da Silva; ZAMPIERI, Maria de Fátima Mota. A atuação do profissional da enfermagem na socialização de conhecimentos sobre sexualidade na adolescência. **R. Saúde Públ.**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 56-69, 2009.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação Sexual para pessoas com deficiência intelectual: procedimentos básicos e estratégias pedagógicas. In: CORREA, Crishna Mirella de Andrade; MAIO, Eliane Rose (Orgs.). **Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares**. Maringá/PR: Eduem, 2013. p. 87-95.

MATTHEWS, Deborah Preston. **Educação sexual perguntas e respostas**. Blumenau/SC: EKO, 1992.

MUÑOZ, Vernor. A pedra e o vento: O direito humano à educação sexual integral. In: MUÑOZ, Vernor. **Educação sexual, direito humano: A pedra e o vento. O direito humano à educação sexual integral**. Montevideu: CLADEM, 2010. n. 1, p. 21-43.

NUNES, Edna; SILVA, César. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. 2. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Márcio de; PEIXOTO, Reginaldo; MAIO, Eliane Rose. A Educação enquanto promotora de uma cultura de paz: o foco nas questões de gênero e sexualidade. **Revista Amazônica**, Manaus, vol. 03, n. 02, pp. 27-39, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/amazonida/article/view/4893/4181>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

RESSEL, Lúcia Beatriz; GUALDA, Dulce Maria Rosa. A sexualidade invisível ou oculta na enfermagem? **Rev Esc Enferm.**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 75-79, 2002.

SOARES, Tatiane Machado da Silva et al. Educação sexual para adolescentes: Aliança entre escola e enfermagem/saúde. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina/PR, v. 16, n. 3, p. 47-52, 2015.

Agradecimento:

O desenvolvimento da pesquisa que gerou este artigo contou com o apoio da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

SOBRE O AUTOR E AS AUTORAS

Márcio de Oliveira

Doutor em Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM); Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas - Brasil; Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas; Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX/CNPq/UEM). E-mail: marcio.1808@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4706-2930>

Suelen Soares Barcelo de Miranda

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá (UEM); Discente na Universidade Estadual de Maringá - Brasil; Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX/CNPq/UEM); Bolsista do PIBIC/UEM (Fundação Araucária). E-mail: miranda.suelenn@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2804-9004>

Eliane Rose Maio

Doutora em Educação Escolar e Pós-Doutora em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara); Universidade Estadual de Maringá - Brasil; Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá; Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX/CNPq/UEM). E-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/000-0002-9280-9864>

Recebido em: 10 de janeiro de 2019

Aprovado em: 13 de maio de 2019

Publicado em: 26 de agosto de 2019